

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

393. EXCELENTE LIVRO DE AUTOR ITUANO

Um livro prefaciado por Arno Wehling, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e apresentado pelo saudoso Francisco Iglésias, um dos maiores nomes da historiografia brasileira, é para ser lido sofregamente e com a maior atenção e, no nosso caso particular, com orgulho por se tratar de autor ituano. Referimo-nos a “Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas”, trazendo como subtítulo “Ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil”, de Synesio de Sampaio Góes Filho, há pouco editado por Martins Fontes em coedição com a Biblioteca do Exército. A clareza e a elegância com que o livro foi redigido demonstra bem as excelentes qualidades didáticas do autor.

Na opinião de Iglésias, o livro é fruto de “laboriosa e bem conduzida pesquisa, corretamente apresentada não como narrativa, mas como entendimento e interpretação do processo... O brilho aparece a começar pelo título feliz que une três agentes tão bem ligado - navegantes, bandeirantes, diplomatas - definidores do mapa do Brasil de hoje”.

Para Wehling, o trabalho “de inequívoco mérito”, relaciona com argúcia e profundidade o processo social com a ação de alguns pró-homens, como os que derivam do próprio título, pois, na realidade, navegantes, bandeirantes e diplomatas constituem elementos típicos da história brasileira, tanto quanto senhores de engenhos, escravos,

comerciantes, mineradores, funcionários, militares e outros mais. Sem optar por uma tipologia ideal de sabor weberiano, o autor sublinha o papel destes três agentes sociais e os encarna em homens singulares, com nome e currículo: Colombo, Vespúcio, Cabral, Pedro Teixeira, Raposo Tavares, Alexandre de Gusmão, Pontes Ribeiro, Rio Branco. Suas ações são consideradas em função do objetivo da obra: a formação das fronteiras do Brasil.

E mais ainda, acrescenta o prefaciador: “é livro para ser lido pelo menos duas vezes; uma, sofregamente, porque o expositor possui, além das idéias claras e distintas dos cartesianos, imensa facilidade de expressão; a segunda leitura, mais pausada, permite refletir sobre mudanças das questões colocadas pelo autor: induz a associar, comparar, imaginar...”

Embora cada um dos temas abordados pelo autor tenha já sugerido enorme e variada bibliografia, a impressão que o leitor tem é de que eles estão sendo tratados pela primeira vez, o que demonstra da parte do diplomata-historiador uma visão altamente compreensiva e raramente alcançada por outros autores. Em vez de considerá-lo “mais um livros” sobre o assunto, julgamos mais junto considerá-lo “o livro” sobre o assunto. Recomendável sob todos os aspectos a sua leitura. 18-5-2002.

394. EVOCANDO UM GRANDE HISTORIADOR

Na data de hoje, no já bem longínquo ano de 1873, nascia na cidade norte-riograndense de Ceará Mirim, um dos maiores vultos da historiografia brasileira: Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, literariamente conhecido apenas por Rodolfo Garcia. É com muito prazer e reconhecimento que o evocamos pelo muito que lhe devem as letras históricas em nosso país.

Possuidor de sólida erudição, alicerçada na beneditina paciência com que se entregou a pesquisas arquivais e bibliográficas, tudo quanto saía de sua pena trazia a marca da garantia e sobretudo da probidade, ligando o seu nome de maneira indissolúvel a algumas realizações nos domínios da cultura nacional. Bastaria citar, como exemplo, as sábias anotações ao texto do Visconde de Porto Seguro, cuja obra, a “História Geral do Brasil” - se tornou engrandecida e extremamente

valorizada com os apensos que, a princípio em colaboração com Capistrano de Abreu e sozinho a partir do segundo tomo, após-lhe o historiador potiguar.

Mas, não foi apenas na obra de Varnhagen que Rodolfo Garcia demonstrou sua erudição. Outras edições críticas do mais alto valor lhe são devidas: o livro de Claude d'Abbeville, no qual se interessou particularmente pela lingüística (outro assunto de sua predileção), o Gandavo (na edição de Academia Brasileira) os textos de Fernão Cardim, os “Diálogos das grandezas do Brasil”, as cartas de Nóbrega, a “Arte” de Anchieta, o “Peregrino da América”, de Nuno Marques Pereira, a obra do jesuíta Gay sobre as missões do Paraguai, entre outras.

Em seu acervo devem ser creditados, ainda, os vinte volumes dos “Anais da Biblioteca Nacional”, cuja publicação promoveu ao tempo em que dirigiu a grande instituição criada por D. João VI. E que repositório magnífico de informações constituem esses “Anais”, indispensáveis a qualquer pesquisa sobre assunto ligado ao nosso passado, e nos quais a divulgação de documentos valiosos se alterna com a reedição de textos raríssimos!

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1912, na antiga Capital Federal viveu até o seu falecimento ocorrido a 14 de novembro de 1949, sempre com intensa participação na vida cultural da grande metrópole. Deixou inúmeros trabalhos sobre bibliografia histórica e geográfica e deixou inédito um ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil que só foi publicado em 1956. De sua obra ocupou-se demoradamente Afonso de Taunay no discurso com que o recebeu na Academia Brasileira de Letras.

Diversos outros historiadores e críticos literários, mais recentes, deixaram depoimentos sobre sua vida e obra, sendo de se destacar, entre estes, os de Miridan Knox Falci e de Guilherme Lins, que, recentemente, escolheram-no como patrono nos Institutos Históricos do Rio de Janeiro e da Paraíba, respectivamente.

Quanto à citada “História política e administrativa”, o próprio autor desta nota dela se ocupou demoradamente quando de seu aparecimento, na antiga revista “Anhembí”. 25-5-2002

395. JORNALISTA FRANCÊS NO BRASIL IMPERIAL

Há já bastante tempo - quase dez anos - tivemos oportunidade de publicar nesta folha uma nota sobre Charles Ribeyrolles, jornalista francês que viveu seus últimos anos em nosso País, aqui falecendo precisamente na data de hoje do ano de 1860. Não vamos obviamente repetir o que então escrevemos, tanto mais que boa parte da nota então publicada referia-se à colaboração do desenhista e pintor Victor Frond, que ilustrou com cenas preciosas do Rio de Janeiro o livro “Brasil Pitoresco”, que Ribeyrolles publicou em 1859.

Como jornalista de tendências liberais, o que não foi tolerado pelo governo francês da época, sofreu Charles Ribeyrolles a mesma do exímio que atingiu Victor Hugo, seu grande amigo. Enquanto o autor de “Os miseráveis” foi para a ilha de Guernesay, Ribeyrolles veio para o nosso país. Aqui chegando, relacionou-se, homem culto que era, com figuras proeminentes da intelectualidade brasileira e alguns jovens que em breve alcançariam a glória literária, como, entre outros, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis.

O livro “Brasil Pitoresco” foi, de início, muito mal julgado, chagando a se dizer dele que valia apenas pelas ilustrações de Victor Frond, estas sim, valiosas como documentário da vida fluminense da época. Entretanto, Taunay, que prefaciou a recente edição do “Brasil Pitoresco” tem opinião diversa, ressaltando seu interesse inclusive na apreciação da vida política brasileira do Segundo Reinado. Reconhece, contudo, que “o que torna cansativa a leitura do livro é o seu tom declamatório e a freqüente divagação romântica a que o autor se entrega e ao leitor moderno desagrada”. E prossegue Taunay em seu prefácio: “Há incontestavelmente neste volume de nossa xenobibliografia páginas de relevo, capítulos extensos e valiosos como os da narrativa de viagem pelo interior fluminense e a análise das principais instituições brasileiras”.

A primeira edição do livro, diz ainda Taunay, “constitui um documento do atraso das artes no Brasil de 1860; o volume em formato grande, impresso em 1859 na Tipografia Nacional, é simplesmente horrendo de aspecto, impresso em papel muito ordinário, tendo as páginas duas colunas”. E como se não bastassem, diz, ainda, o prefaciador: “O texto

português da tradução apresenta-se simplesmente detestável”. E cita numerosos exemplos “absolutamente inacreditáveis”.

Entende-se, então, porque a obra do jornalista francês tenha caído em completo olvido, do qual veio a tirá-la, sessenta anos depois, a iniciativa da Editora Martins em incluí-la na preciosa “Biblioteca Histórica Brasileira”, dirigida por Rubens Borba de Moraes e em excelente tradução de Gastão Penalva e para a qual Afonso de Taunay elaborou valioso prefácio a que fizemos referência. A edição da Editora Martins, de 1941, foi reproduzida em 1980 pela Itatiaia, de Belo Horizonte, integrando a coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 25 da nova série. 1-6-2002.

396. RECORDANDO VICENTE LICÍNIO CARDOSO

Há algumas semanas, neste mesmo local, escrevendo sobre Tavares Bastos, tecemos algumas considerações sobre a tão falada incapacidade de pensar que muitos consideram um dos traços marcantes da cultura brasileira. Não se deve generalizar. O lado acentuadamente pragmático de nosso pensamento não nos deve fazer esquecer algumas figuras que podem ser colocadas, sem a menor dúvida, entre os luminares de nossa cultura em termos mais voltados para a reflexão. Ocorre-nos evocar um deles, infelizmente caído no olvido, mas cuja evocação nos parece oportuna entre outras coisas por assinalar o dia de hoje o seu nascimento no ano de 1889. Referimo-nos a Vicente Licínio Cardoso, uma das figuras exponenciais da cultura brasileira em sua curta trajetória, pois faleceu em 1931, com pouco mais de quarenta anos, “consumindo-se na chama de seu próprio ideal”, como dele disse Fernando de Azevedo.

Filho de Licínio Cardoso, professor, médico e engenheiro, seguiu uma das carreiras do pai, formando-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, da qual veio a ser professor. O concurso para a cátedra de História da Arte ofereceu-lhe ensejo para escrever uma de suas obras mais significativas: “Filosofia da Arte” (1918), da qual escreveu Wilson Martins ser “a obra mais importante jamais escrita entre nós, nada inferior, senão superior, pela erudição, espírito crítico e originalidade, a dezenas de outras publicadas em outros países”.

Após a “Filosofia da Arte”, voltou-se Vicente Licínio Cardoso para os estudos brasileiros, nas áreas da educação, da história e da sociologia, temas sobre os quais deixou numerosos escritos avulsos, reunidos para a formação de quatro ou cinco livros publicados na década de 20 do século passado, e que enriqueceram sobremaneira a bibliografia brasileira, uma obra caracterizada pela “constância de um ponto de vista essencialmente brasileiro”: “Pensamentos brasileiros”, “Vultos e Idéias”, “Figuras e Conceitos”, “Afirmações e comentários” e, já como livro póstumo, pois só publicado em 1933, “À margem da História do Brasil”.

Este último veio a constituir-se em sua maior contribuição à historiografia brasileira, nele se encerrando, entre outros temas, um estudo sobre o Vale do São Francisco, dois ensaios sobre o domínio espanhol no Brasil e páginas diversas sobre Feijó e sobre Euclides da Cunha.

Estudo realmente significativo sobre o sentido e a obra de Vicente Licínio Cardoso, ninguém o fez melhor do que Fernando de Azevedo, que com ele bastante conviveu, em seu livro “Figuras de meu convívio”. Aliás, o grande educador, quando diretor da Instrução Pública no antigo Distrito Federal, teve Vicente Licínio Cardoso como seu auxiliar imediato na realização da mais importante reforma de ensino já realizada no Brasil, na década de 1926 a 1930. 3-8-2002.